

A VIDA QUE SALVAR PODE SER A SUA

A velha e a filha estavam sentadas no alpendre quando Mr. Shiftlet subiu a estrada pela primeira vez. A velha deslizou para a ponta da cadeira e inclinou-se para a frente, protegendo os olhos do sol penetrante com a palma da mão. A filha não conseguia ver grande coisa à sua frente e continuou a brincar com os dedos. Embora a velha vivesse sozinha com a filha naquele paradeiro desolado e nunca tivesse visto Mr. Shiftlet antes, podia estabelecer, mesmo à distância, que o homem não passava de um vagabundo e não era preciso ter medo dele. A manga esquerda do seu casaco estava enrolada por forma a mostrar que só existia meio braço lá dentro e a sua silhueta magra inclinava-se ligeiramente para o lado como se o vento estivesse a empurrá-la. Envergava um fato preto e um chapéu de feltro castanho que estava virado para cima à frente e para baixo atrás e carregava na mão uma caixa de ferramentas estreita de alumínio. Aproximou-se, sem pressa, subindo a estrada, com a face virada para o sol que pare-

cia estar a equilibrar-se no cume de uma montanha pequena.

A velha não mudou de posição até ele já estar quase no seu quintal; depois levantou-se com um punho cerrado apoiado na anca. A filha, uma rapariga grande com um vestido de organdi azul curtinho, viu-o de repente e saltou e começou a bater com os pés e a apontar e a fazer sons excitados sem palavras.

Mr. Shiftlet parou mesmo à porta do quintal e poisou a caixa no chão e cumprimentou-a com um toque no chapéu como se ela estivesse a ter um comportamento absolutamente normal; depois virou-se para a velha e tirou-lhe o chapéu. Tinha um cabelo preto e liso que caía a direito desde um risco ao meio até por detrás das orelhas de cada lado. A sua face era composta por uma testa que ocupava metade do rosto e terminava subitamente com as suas feições equilibradas por cima de uma mandíbula protuberante forte como o aço. Parecia jovem mas tinha um olhar de insatisfação cuidadosamente composto como se entendesse a vida com toda a clareza.

«Boa tarde» disse a velha. Era aproximadamente do tamanho de um poste de uma cerca de cedro e tinha um chapéu de homem enterrado até baixo na cabeça.

O vagabundo ficou a olhar para ela e não respondeu. Virou-se de costas e observou o pôr-

-do-sol. Lançou tanto o seu braço inteiro como o mais curto para cima, devagar, de forma a indicar toda a extensão do céu e a sua figura formou uma espécie de cruz torta. A velha observou-o com os braços cruzados sobre o peito como se fosse a dona do céu, e a filha olhava, com a cabeça inclinada para a frente, as suas mãos gordas e sem esperança penduradas dos pulsos. Tinha o cabelo longo de um dourado róseo e os seus olhos eram tão azuis como o pescoço de um pavão.

Ele manteve a pose durante cerca de cinquenta segundos e depois agarrou na caixa e avançou para o alpendre e pousou-a no primeiro degrau. «Minha senhora,» disse numa voz firme e nasalada, «dava uma fortuna para viver onde pudesse ver o sol fazer isto todas as tardes».

«Faz isso todas as tardes,» disse a velha e voltou a sentar-se. A filha também se sentou e olhou-o com uma curiosidade maliciosa como se ele fosse um passarinho que se tivesse aproximado mais que o habitual. Ele inclinou-se para um lado, explorando o fundo das calças, e num segundo tirou de lá uma caixa de pastilha elástica e ofereceu-lhe uma delas. Ela aceitou-a e descascou-a e começou a mastigar sem tirar os olhos dele. Ele ofereceu também uma pastilha à velha mas ela limitou-se a le-